

ESPOROTRICOSE FELINA - RELATO DE CASO

EVELIN AIRES CARDOZO PERES¹; FRANCESCA LOPES ZIBETTI²; LUCIÉLE PEREIRA DE MELO³; LETICIA SILVEIRA CORDEIRO⁴; DANIELA ISABEL BRAYER PEREIRA⁵; PAULA PRISCILA CORREIA COSTA⁶

¹*Universidade Federal de Pelotas – evelinairescar@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – franlz134@yahoo.com.br*

³*Universidade Federal de Pelotas – lucielemelo.96@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas - leticiasilveiracordeiro@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas - danielabrayer@gmail.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas – paulapriscilamv@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é causada por um fungo dimórfico do complexo *Sporothrix*, que é responsável pela micose subcutânea felina. Devido ao comportamento típico da espécie de afiar as unhas em árvores, cavar e enterrar presas, os felinos tornam-se mais suscetíveis à infecção pelo fungo presente nesses meios pelo comportamento de crescimento em solo e plantas, principalmente em locais quentes e úmidos (GUIMARÃES, 2022).

A micose em felinos têm características comumente localizadas em região de cabeça, parte distal dos membros e base da cauda, isso ocorre pois a transmissão do fungo se dá pela arranhadura dos gatos, estes, ao terem acesso a rua, pelo comportamento territorialista tendem a se infectar em brigas com outros gatos (SCHNEIDER et al, 2022). As lesões têm por padrão serem ulceradas, crostosas e com exsudato purulento, podendo haver também a disseminação do fungo para órgãos do felino, tais como pulmões, fígado, sistema nervoso central, entre outros (PIMENTEL et al.,2011).

Os achados clínicos incluem desde infecção subclínica, na qual a lesão na pele apresenta regressão espontânea até a forma de manifestação sistêmica que é potencialmente fatal devido a disseminação pelo sangue, nessa forma há sinais clínicos de febre, mal estar e anorexia. Em geral, os felinos podem apresentar três síndromes clínicas: a linfocutânea que se caracteriza por lesões típicas como nódulos com úlceras que seguem o trajeto da drenagem linfática da região afetada (CAUS, 2013); cutânea disseminada, que se manifesta mais frequentemente como nódulos linfocutâneos disseminados e a cutânea localizada que é caracterizada por feridas ulceradas centralmente e com presença de exsudato escuro (PIRES, 2017).

Esse trabalho tem como finalidade relatar o caso de esporotricose em felino resgatado em via pública, com lesões extensas, crostosas e ulceradas em região de membros pélvicos, cabeça e abdômen.

2. METODOLOGIA

Um felino, macho, sem raça definida, idade desconhecida, resgatado em via pública, deu entrada no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Pelotas. O paciente apresentava lesões ulceradas e crostosas extensas na região de membro pélvico esquerdo e ambas orelhas. Foi realizada coleta de sangue para hemograma que evidenciou acentuada anemia, trombocitopenia e

leucocitose, também foi coletado pesquisa de hemoparasitas que não evidenciou presença destes.

Foi realizada coleta das secreções das lesões com swab e encaminhada para o laboratório de micologia da universidade Federal de Pelotas, o qual foi usado para coloração de gram e panótico rápido em lâmina de vidro. Também foram encaminhadas amostras das secreções das lesões, as quais foram semeadas em ágar sabouraud dextrose com acréscimo de cloranfenicol e em outra placa semeado em ágar Mycosel para confirmação do dimorfismo do fungo. As culturas foram incubadas a 37°C e 25°C, respectivamente.



Figura 1 - felino com lesão ulcerativa em membro pélvico esquerdo e parte posterior do abdômen (A); lesão ulcerada na orelha esquerda (B). Fonte: arquivo pessoal.

As lesões do paciente eram extensas, demonstrando um grau elevado de esporotricose que se caracterizava com lesões na cabeça e membros, devido a gravidade das lesões e do quadro o paciente veio a óbito e o corpo foi encaminhado para o Laboratório de patologia da Universidade Federal de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O exame direto revelou crescimento de leveduras, sugestivas de *Sporothrix spp.* (figura 2). Já o isolamento fúngico das culturas em ágar Sabouraud e mycosel, revelou crescimento de colônias compatíveis com *Sporothrix spp.*, as colônias leveduriformes crescidas em 37°C, foram levadas ao microscópio em lâmina de vidro e com óleo de imersão, no aumento de 100x e então foi possível observar a morfologia característica do complexo *Sporothrix*. Já as colônias filamentosas crescidas em 25°C, foram levadas ao microscópio em lâmina de vidro, coradas com lactofenol-azul de algodão e ao serem observadas em aumento de 40x pode-se constatar a morfologia esperada para *Sporothrix spp.*, dessa forma houve a confirmação definitiva do diagnóstico de esporotricose.

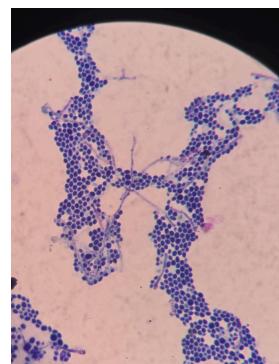


Figura 2 - Presença de leveduras de *Sporothrix* em coloração de Gram.
Fonte: arquivo pessoal.

Os resultados anteriores se explicam pela confirmação do diagnóstico pois o fungo *Sporothrix* é disfórmico, ou seja, ele demonstra mudança na sua morfologia a cada temperatura, refletindo sua adaptação de sua morfologia infectante para a morfologia dentro do hospedeiro e o crescimento de colônias em 25°C e 37°C, demonstra essa capacidade que é característica do fungo *Sporothrix*. Aos 25°C há crescimento das colônias filamentosas que são a forma típica do estágio saprófito desse fungo, que acontece em condições ambientais, já aos 37°C, há crescimento das colônias leveduriformes que é a morfologia típica do fungo em ambiente do hospedeiro.

A necropsia revelou aumento do volume da glândula adrenal esquerda e múltiplos nódulos brancos de diversos tamanhos de forma difusa em lobos pulmonares (figura 4), o que pode indicar migração do fungo por via respiratória devido contaminação nas próprias lesões em rosto e parte distal dos membros na lambdura do comportamento felino, o levando a manifestar a forma pulmonar da doença (SCHEID, 2019). Também foi constatado hidropericárdio com coloração amarelada na abertura do coração, que pode indicar várias causas, mas dentre elas infecções (FUCHS, 2016), como por exemplo por *Sporothrix*, que é o que o quadro do paciente leva ao entendimento.

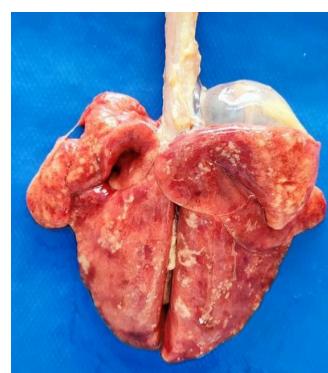


Figura 3 - nódulos brancos difusos em pulmão do felino. Fonte: arquivo pessoal.

4. CONCLUSÕES

Devido ao quadro avançado da disseminação da micose, não houve tempo hábil para reverter o estado do paciente, o que evidencia a importância do diagnóstico precoce no que diz respeito a esporotricose, por se tratar de uma enfermidade de difícil e extenso tratamento, além de apresentar sintomatologia dolorosa e estressante, sobretudo no que diz respeito aos felinos que apresentam comportamento arisco e de difícil manipulação.

Também conclui-se que houve uma coinfecção do paciente por meio de formas infectantes do fungo presentes nas lesões cutâneas, que devido ao hábito de lambredura dos felinos, ascendeu pelo trato respiratório superior e manifestou a forma pulmonar da doença.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PIMENTEL, M. et al. **ESPOROTRICOSE FELINA -RELATO DE CASO.** 2011. Acessado em 24 de setembro de 2024; Disponível em: <<https://unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2011/saude/ESPOROTRICOSE%20FELINA%20%C3%A2%E2%82%AC%E2%80%9C%20RELATO%20DE%20CASO.pdf>>.
- GUIMARÃES, T. M.; GUIMARÃES, A. B. **Esporotricose felina: Relatos de caso.** Pubvet, v. 16, n. 1, p. 1–6, jan. 2022.
- SCHNEIDER, E. et al. **ESPOROTRICOSE FELINA: RELATO DE CASO.** 2022. Acessado em 24 de setembro de 2024; Disponível em: <<https://uceff.edu.br/anais/index.php/veterinaria/article/download/453/457>>.
- CORGOZINHO, K.B., et. al. Um caso atípico de esporotricose felina. Acta Scientiae Veterinariae. 34: 167-170, 2006.
- PIRES, C. Revisão de literatura: esporotricose felina. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 1, p. 16-23, 15 maio 2017.
- SCHEID, H. V. **Doenças de felinos domésticos diagnosticadas no Laboratório Regional de Diagnóstico da UFPel.** Ufpel.edu.br, 2019.
- FUCHS, I. G. **Efusão pericárdica em um felino - relato de caso.** Ufsm.br, 2016.
- CAUS, Antonio Luiz de Oliveira. **Esporotricose no estado do espírito santo: um estudo de três décadas.** 2013. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado-Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_6764_Dissertac%26%23807%3Ba%26%23771%2Bo%20Mestrado%20Antonio%20Caus.pdf.